



ARTIGO ESPECIAL

Aprendizagem, Literatura, Psicoterapia: a trinca de ouro*

Celso Gutfreind^a

^a Psiquiatra de adultos e crianças pela Fundação Universitária Mário Martins e Associação Brasileira de Psiquiatria, psicanalista de adultos e crianças pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, doutor em psicologia pela Universidade Paris, pós-doutor em psiquiatria da infância e da adolescência pela Universidade Paris 6, professor convidado dos cursos de Psicologia da UFRGS e Unisinos, escritor com cerca de 30 livros publicados entre infantis, infanto-juvenis, poemas e ensaios.

“O sucesso resulta de quem se conhece e não daquilo que se conhece.”¹

Mia Couto

“Este livro não teria sido escrito se eu, filho, tivesse me deparado apenas com tristeza e dor na história do meu pai. Possivelmente não tivesse nem mesmo conseguido ouvir seus relatos (...)

Ainda que frustrado na maior parte do tempo, fui agraciado com diversas narrativas saborosas, o que me fez continuar a ouvi-lo com satisfação.”²

Fábio Brodacz

* Escrito a partir de palestras realizadas no I Congresso de Escrita e Psicanálise, promovido pela Fepal e Sociedade Brasileira de Psicanálise, Porto Alegre, outubro de 2013 e no I Encontro de Psicopedagogia de Pernambuco, promovido pela Associação Brasileira de Psicopedagogia, Recife, novembro de 2013.

“(…): a poesia
é a língua
do meu luto.”

David Grossman, tradução Paulo Geiger

“Making him see, where Learning hath no light.”**

John Keats

Boi boi boi
boi da cara preta
pega esta criança
que tem medo de careta

Cantem, cantem, não parem de cantar, senão estanca o meu pensamento. Ou nem se cria se não cantarem. O que penso vem do ritmo, da prosódia. Do que repete até chegar ao novo. Ou seja, do outro. O que penso vem do que sinto que vem do que sentiram por mim que veio através da canção. O sentimento arde. Assoprem, cantando. Recém cheguei ao horror de me expor aqui, diante do desconhecido, não posso cantar sozinho. Não posso aprender sozinho. Ainda não. Estou desamparado outra vez pela primeira vez. Estamos recomeçando, não tenho novamente a mãe cantando dentro de mim. Ainda não. Cantem, cantem, por favor, a canção de vocês me contém, depois me solto.

Tudo o que aprendi vem do que contaram para mim.

Boi boi boi

boi da cara preta

pega esta criança

que tem medo de careta

** “Fazendo-o ver onde o estudo não penetra”.

Sobre a importância do conto na escola, ocorrem-me três momentos em minha vida como a estrutura de uma narrativa com começo, meio e fim. Começo pelo princípio como numa história: era uma vez. Era uma vez um adolescente (adolescências recomeçam) que não sabia o que fazer com o corpo, com o amor e a morte. Queria amar, tinha medo, o corpo sentia o peso do paradoxo. Do não sei o que, de Mário de Andrade e todos nós. O adolescente descobriu, na escola, os poetas românticos. Um professor os apresentou. Ele era a minha matriz de apoio. A minha rede de não estancar. A rede de soltar. Ele sabia da importância das histórias para a aprendizagem. Ele era um leitor. Apresentou-me o Álvares de Azevedo, o Castro Alves, o Goethe. Eles contavam o que eu sentia. Tornei-me um leitor como ele. A escola o fez através do professor. Aprendi.

Boi boi boi

boi da cara preta

pega esta criança

que tem medo de careta

Cantem, cantem, não parem de cantar, senão estanca o meu pensamento. Ou nem se cria se não cantarem. O que penso vem do ritmo, da prosódia. Do que repete até chegar ao novo. Ou seja, do outro. O que penso vem do que sinto que vem do que sentiram por mim que veio através da canção. O sentimento arde. Assoprem, cantando. Recém cheguei ao horror de me expor aqui, diante do desconhecido, não posso cantar sozinho. Não posso aprender sozinho. Ainda não. Estou desamparado outra vez pela primeira vez. Estamos recomeçando, não tenho novamente a mãe cantando dentro de mim. Ainda não. Cantem, cantem, por favor, a canção de vocês me contém, depois me solto.

Tudo o que aprendi vem do que contaram para mim.

Boi boi boi

boi da cara preta

pega esta criança

que tem medo de careta

O leitor precede o escritor. O escritor precede o aprendiz. Verdadeiras duplas como o bebê e a mãe, o aluno e o professor, nenhum dos dois existe sozinho³. O leitor é o envelope pré-narrativo do escritor⁴. O escritor é o envelope pré-narrativo do aprendiz. Um dia, este virá colocar as palavras no espaço aberto por aquele. No entanto, não são precursores. Precede-os a mãe, cantando para eles, contando para eles, lendo

para eles, co-construindo os núcleos rítmicos com o seu bebê⁵. Aprender é tocar, mais próximo da música do que da pedagogia. Tudo nasceu, com o perdão da redundância, no nascimento. Na metáfora. Na música. A primeira porteira foi aberta por ele. Depois, sem querer (literalmente, em parte) a mãe passará o bastão para a professora, esta nova chance de esculpir uma mãe. Todo aluno é um bebê com sua nova chance.

Os poetas românticos amavam e tinham medo. Adoeciam e temiam o amor e a morte. Mas escreviam. Ensinavam. Eles representavam o adolescente. Eles me representavam. Eles me diziam. Ou seja, me tratavam ao propor que expressasse com recursos vindos dos bons tratos o que me destratava. Haveria uma forma menos literária de aprender?

Há aprendizagem sem histórias?

Há vida sem histórias?

Eis duas perguntas fáceis de responder, porque não há.

Agora, eu já era um leitor. Naquele espaço, escrever era questão de tempo. Aprender era questão de tempo. Aprendizagem é música. Música é tempo. A escrita não sabia, mas era musical e pedagógica. Era o espaço⁶, aprender é cavar espaços no tempo. No fundo, só o que não sabe que é pedagógico é pedagógico, vide a atenção flutuante de Freud⁷, vide Winnicott⁸ arrependido do tempo em que era inteligente.

Freud⁷ sugeria que nos distraíssemos um pouco. Winnicott, que um analista (mas um educador também) precisa ser suficientemente sagaz para saber que cura ou ensina com o que sente. Vale adaptar, dizendo que um professor precisa ser suficientemente sagaz para saber que ensina com o que sente. Só se sabe o que é sentido. As informações estão disponíveis. Apropriar-se delas, não: é o que se ensina. É o que ensina a sentir, outro e ouro da aprendizagem. Só aprende quem aprendeu a sentir. Ou seja, quem aprendeu a saber que foi sentido pelo outro.

A literatura foi a minha primeira aprendizagem⁹(Bandeira).

Depois, escrevi.

Depois, aprendi.

Depois, publiquei.

Depois, tornei-me um psiquiatra, eu lia psiquiatria, leitura que precedia a psicanálise.

Boi boi boi

boi da cara preta

pega esta criança

que tem medo de careta

Cantem, cantem, não parem de cantar, senão estanca o meu pensamento. Ou nem se cria se não cantarem. O que penso vem do ritmo, da prosódia. Do que repete até chegar ao novo. Ou seja, do outro. O que penso vem do que sinto que vem do que sentiram por mim que veio através da canção. O sentimento arde. Assoprem, cantando. Recém cheguei ao horror de me expor aqui, diante do desconhecido, não posso cantar sozinho. Não posso aprender sozinho. Ainda não. Estou desamparado outra vez pela primeira vez. Estamos recomeçando, não tenho novamente a mãe cantando dentro de mim. Ainda não. Cantem, cantem, por favor, a canção de vocês me contém, depois me solto.

Tudo o que aprendi vem do que contaram para mim.

Boi boi boi

boi da cara preta

pega esta criança

que tem medo de careta

Comecei a atender adolescentes à mesma época que passei a frequentar escolas com alunos que tinham lido meus primeiros livros para crianças. E a ministrar oficinas de poesia para outros adolescentes que não atendia assim diretamente. Era indireto, através da metáfora, mas pode não ser? Que encontro, que atendimento, que ensino é direto em primeira instância? É possível olhar diretamente para a cara de um agora? Aprender é poder guardar para depois.

No consultório, eles chegavam empurrados pelos pais. O contato comigo era silencioso, pesado, difícil. Eu era psiquiatra, queria melhorá-los, curá-los, livrá-los de seus sintomas. Como um professor obcecado pela tabuada ou pela alfabetização. Eu era inteligente, ao contrário de hoje. Felizmente, a psicanálise e a literatura me fizeram menos esperto. Eu ocupava parte do meu dia com a minha inteligência, eu esperava muito dela. Mas eu e ela não conseguíamos curá-los. À noite, frustrado, escrevia. Assim me defendia daquela frustração, reencontrando talvez nas palavras os núcleos rítmicos da primeira infância (minha, deles), as leituras da segunda, a escrita da continuidade. A escrita é a grande marca da continuidade. A aprendizagem, também.

Aquela psiquiatria transformava-se em literatura.

Depois, ia encontrar adolescentes para fazermos poesia. Eles buscavam o poeta. Era como com os alunos nas escolas. Eles buscam o poético. Como um bebê com sua mãe. Era mais leve. Não queriam curar-se. Ou, pelo menos, não sabiam que queriam curar-se. Não queriam aprender. Ou, pelo menos, não sabiam que queriam aprender.

O contato era menos estridente, menos difícil. Indireto. Metafórico. Menos inteligente. Ali eu era poeta, não queria melhorá-los, livrá-los de seus sintomas. Como um professor disfarçado de não professor. Quanto mais sintomas, melhor para o poema, segundo os poetas românticos. Quanto mais sintomas, melhor para a vida, segundo o psicanalista Winnicott⁸. Quanto mais problemas, melhor para a aprendizagem, segundo todos nós.

Era assim que percebia o quanto, paradoxalmente, melhoravam. E aprendiam. Eu era o seu Álvares de Azevedo, seu Castro Alves, seu Goethe. Eu os ajudava a representar, a dizer. Só quem representa e diz é capaz de aprender, por isso não existe aprendizagem sem histórias.

Eles diziam o que eu precisei dizer na adolescência (no recomeço), a vontade e o medo de morrer e de amar, o corpo pagando o preço entre a dor e o medo. O preço de crescer. O preço de aprender. Aprende quem diz, quem diz conta a sua história e, assim, abre espaço para novas histórias (aprendizagem), ou seja, para o crescimento. Aprender e crescer, apesar das palavras, é o mesmo verbo.

Havia uma metáfora (a poesia, a escrita), facilitando o processo, tornando seguro o momento inseguro de expressar-se. De aprender. Sem querer, brincando, porque não queria, havia um tratamento. Haveria uma forma menos literária de tratar-se? Haveria uma forma menos literária de aprender?

Aquela literatura transformava-se em psiquiatria.

Boi boi boi

boi da cara preta

pega esta criança

que tem medo de careta

Cantem, cantem, não parem de cantar, senão estanca o meu pensamento. Ou nem se cria se não cantarem. O que penso vem do ritmo, da prosódia. Do que repete até chegar ao novo. Ou seja, do outro. O que penso vem do que sinto que vem do que sentiram por mim que veio através da canção. O sentimento arde. Assoprem, cantando. Recém cheguei ao horror de me expor aqui, diante do desconhecido, não

posso cantar sozinho. Não posso aprender sozinho. Ainda não. Estou desamparado outra vez pela primeira vez. Estamos recomeçando, não tenho novamente a mãe cantando dentro de mim. Ainda não. Cantem, cantem, por favor, a canção de vocês me contém, depois me solto.

Tudo o que aprendi vem do que contaram para mim.

Boi boi boi

boi da cara preta

pega esta criança

que tem medo de careta

Depois, fugi de casa como um Tolstoi, um elefante (mas para viver), um adolescente no campo de centeio. Assim Salinger¹⁰ definiu o apanhador em seu livro: aquele que impedia que as crianças caíssem no abismo. Não é o que tentam proporcionar os psicanalistas, os educadores e os escritores?

Depois fugi de casa como um aluno. E quanto aluno por aí não aprende para não fugir de casa...

Eu tinha aprendido e fugi. O pretexto foi fazer uma pesquisa de doutorado na França sobre a utilização terapêutica e pedagógica dos contos¹¹. Trabalhei com crianças abrigadas, separadas de seus pais. Propunha uma psicoterapia de orientação analítica, em grupo, o conto como mediador. Pesquisava esta aproximação entre literatura, psicanálise e aprendizagem.

Ali foi onde mais vi a potencialidade terapêutica e pedagógica da experiência literária. A literatura é como a interação fundamental, vivida na transferência da leitura. Lobos eram Castro Alves, fadas eram Goethe, ogros eram Álvares de Azevedo. Havia princesas, tramas, poesia, ou melhor, poesia para a prosa continuar. A prosa da aprendizagem.

Havia palavras para os medos, apresentadas por quem os acolhia. Havia representações, cantava-se, narrava-se, ia-se da prosódia ao sentido, ou seja, curava-se dentro do possível a partir da brincadeira com o impossível, na literatura, na psicanálise. Ou seja, abria-se espaço para aprender.

Tudo era metáfora como aquela dos adolescentes (e dos alunos nas escolas), permitindo expressar, dizer como os sobreviventes das grandes guerras que não seria o fato que mata psiquicamente. Mas o silêncio diante dele. Aquela literatura era a sua psiquiatra sob a forma do barulho da expressão.

Haveria forma menos literária de tratar-se?

Haveria forma menos literária de aprender?

Depois, fiz psicanálise, embora já tivesse feito antes. Meu caso era crônico feito um texto a ser relido. Todo caso, neste sentido, é único e clássico.

A psicanálise era uma psiquiatria com ênfase na poesia e na história. Com mais prosódia, mais barulho ainda. Menos inteligente, com mais sentido. Mais literatura, portanto. Mais pedagógica.

Boi boi boi

boi da cara preta

pega esta criança

que tem medo de careta

Cantem, cantem, não parem de cantar, senão estanca o meu pensamento. Ou nem se cria se não cantarem. O que penso vem do ritmo, da prosódia. Do que repete até chegar ao novo. Ou seja, do outro. O que penso vem do que sinto que vem do que sentiram por mim que veio através da canção. O sentimento arde. Assoprem, cantando. Recém cheguei ao horror de me expor aqui, diante do desconhecido, não posso cantar sozinho. Não posso aprender sozinho. Ainda não. Estou desamparado outra vez pela primeira vez. Estamos recomeçando, não tenho novamente a mãe cantando dentro de mim. Ainda não. Cantem, cantem, por favor, a canção de vocês me contém, depois me solto.

Tudo o que aprendi vem do que contaram para mim.

Boi boi boi

boi da cara preta

pega esta criança

que tem medo de careta

Juntando os três momentos – minha própria adolescência, as oficinas para outros adolescentes, a intervenção já na vida adulta nos abrigos franceses e, depois, brasileiros – sinto a convicção do efeito terapêutico e pedagógico da literatura. E, fora dela (dentro também, mas contido), só há dúvidas, paradoxos à espera de mais literatura, psicanálise, aprendizagem.

Sinto, a partir da experiência, que tudo começa com a formação de um leitor. Começa no ventre, continua no primeiro ano de vida. Nos núcleos rítmicos de uma mãe lendo a vida para o seu filho. A primeira e importante lição. A base para as seguintes. Cantando, contando. A escrita pode não ser nada mais do que tudo isto, na transferência. A grande transferência se dá na escola.

Winnicott⁸ chamou de espaço potencial. Bion^{12,13}, de função alfa. Pavlovsky⁶, de espaço lúdico. Klein¹⁴ e Segal, de equações simbólicas. Lacan, de significante-significado a partir de Saussure, Laplanche, de significantes enigmáticos a partir da sedução. Diatkine¹⁵, de outra história.

Cada um achou seu verso ou seu conceito (sua metáfora, sua ficção de verdade) para isto de traduzir mãe cantando e contando até que o filho consiga ficar sozinho na presença dela⁸, ou seja, vendo-a para ouvi-la até tornar-se realmente um leitor, ou seja, capaz de cantar e contar sozinho na ausência dela. Ou seja, capaz de aprender.

Toda aprendizagem tem algo de profundamente acompanhado e solitário. Foi preciso ser acompanhado, agora é preciso estar sozinho. Aprender pode não ser nada mais do que tudo isto, na transferência.

O poeta Auden concorda com todos eles ao dizer que “a poesia não faz nada acontecer, mas torna o sofrimento suportável ao dar-nos a possibilidade de olhá-lo esteticamente, o que já é uma forma de substituir o sofrimento real por uma fruição abstrata”¹⁶ (p.38).

Assim, acrescento modestamente:

1 - A poesia do encontro (analítico, escolar) supera o conteúdo.

2 - Ler ou escrever – dá no mesmo - revive a onipotência de que falava Klein¹⁴ e a possibilidade de brincar com ela até espargi-la como falava Ferenczi¹⁷.

Tem aqui a dobradinha fundamental, a do começo da vida, que, primeiro com presença, depois com ausência, desdobra-se transferencialmente vida afora. Presença e falta, nenhuma das duas pode faltar. Sobre isto evoco três vinhetas analíticas, literárias educativas um tanto pessoais como leitor, vivente ou aprendiz:

Poeta Catulo, há dois mil anos. A mãe, cujo nome não me recordo, promoveu núcleos rítmicos a ponto de fazer o filho quase pronto para o amor. Tempos depois, desprezado por Lésbia, o poeta escreveu alguns dos mais belos poemas de toda a história da literatura.

Poeta Apollinaire, há cem anos. A mãe, cujo nome não me recordo, promoveu núcleos rítmicos a ponto de fazer o filho quase pronto para o amor. Tempos depois, Lou, a amante, concedeu-lhe uma semana juntos em Nimes; passado o idílio, ela retomou a fleuma, a distância, a rejeição. O resto foi poesia escrita, correspondência.

Na mesma batida, o poeta Celso recebeu núcleos rítmicos maternos suficientes e, depois, cunhou há bem menos tempo os versos seguintes:

Relance

Vontade de cantar

olhando para ti

E o fiz, embora

tivesses partido

com a minha voz

Feito os mestres universais Catulo e Apollinaire, o nosso bardo local também aprendeu a dobradinha fundamental: amor e desamor, presença e ausência. Se os resultados pífios instigam reclamações estéticas sobre o alcance do discípulo, cartas para a mãe do poeta – ou para a avó - e uma eventual falha no ritmo do começo. Ou para a mulher que, na sequência, lhe deu o pé na bunda com um eventual abrandamento na intensidade do chute.

Feita a hipótese de que a estética (aprendizagem repartida) dependeria da intensidade do amor primeiro e do desamor subsequente (Leonardo da Vinci e suas duas mães que o digam), está na hora de derrubá-la para o bem da literatura, da psicanálise, da aprendizagem. Não é difícil, na companhia dos poetas já citados e suas palavras reinauguradas. Não há aprendizagem sem poesia. Não há aprendizagem sem repetição e novidade.

Escrever ou ler, portanto, é poder contar sozinho. Cantar para si mesmo, com o outro dentro, à espera de sua volta. Escrever é decorrência. Aprender é decorrência. É imaginar o retorno. Ao berço, ao colo, à mamada, cada um que se trate e escolha a sua Ítaca. É transferência, mas no paradoxo de ser novo, porque escreve sobre uma página em branco até aquele momento. É, finalmente, poder viver a presença na ausência e aqui não tem Winnicott, Bion, Pavlovsky, Diatkine, Segal, Lacan, Laplanche ou Klein que nos acuda.

Não é de explicar, mas de implicar-se¹⁸. Acode-nos, então, um poeta-professor, o Drummond:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.¹⁹(p. 25).

Boi boi boi

boi da cara preta

pega esta criança

que tem medo de careta

Agora podem parar de cantar. Obrigado por me terem maternado, na transferência do horror de se expor longe da mãe. No recomeço de cada dia, cada encontro. Cada aula. Agora, não há mais ausência. A literatura do canto de vocês devolveu-me os núcleos rítmicos. O pensamento chegou. A literatura chegou. O sentimento foi dito. A mãe voltou como era no que podia ser e como a reinventei com muita literatura, muita escola, muita psicanálise, essas utopias necessárias.

Agora já posso aprender. A aprendizagem vem da presença e preenche. O cognitivo depende do afetivo até conquistar a sua independência, esta sim a maior das utopias, porque nunca vai conquistar inteiramente.

Voltei a ler, a escrever, a calcular. Agora está tatuado, digo, escrito, e ninguém mais rouba a minha falta. Podem falar aí meu nome na chamada que responderei: presente. Presente.

Agora já posso brincar de ser feliz para sempre.

Haveria uma forma menos literária de tratar-se?

Haveria uma forma menos literária de aprender?

Referências

1. Couto M. (2012), *E se Obama fosse africano?*, São Paulo: Companhia das Letras.
2. Brodacz F. (2013), *Da guerra ao porto alegre – memórias de Simcha Brodacz*, Porto Alegre: Luminara Casa Editorial.
3. Winnicott D. W. (1969), *De la pédiatrie à la psychanalyse*, Paris: Payot.
4. Stern D. (1993), *L'enveloppe prénarrative*, *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 14, 13-65.
5. Honigsztejn H. (1990), *A Psicologia da Criação*, Rio de Janeiro: Imago.
6. Pavlovsky E. (1980), *Espacios y creatividad*, Buenos Aires: Ediciones Busqueda de AYLly S.R.L, 1990.
7. Freud S. (1910), *Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância*, In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
8. Winnicott D. W. (1971), *Jeu et réalité – L'espace potentiel*, Paris: Gallimard, 1975.
9. Bandeira M. (1983), *Estrela da Vida Inteira*, Rio de Janeiro: José Olympio.
10. Salinger J.D. (1945), *O Apanhador no Campo de Centeio*, Rio de Janeiro, Editora do Autor.
11. Gutfreind, C. (2008), *O Terapeuta e o Lobo – a utilização do conto na psicoterapia da criança*, Porto Alegre: Artes e Ofícios.
12. Bion W. R. (1962), *Aux sources de l'expérience*, Paris: Puf, 1979.
13. Bion, W. R. (1963), *Eléments de la psychanalyse*, Paris: Puf, 1979.
14. Klein M. (1930), *L'importance de la formation du symbole dans le développement du moi*, In: *Essais de psychanalyse (1921-1945)*, Paris: Payot, 1967.
15. Diatkine R. (1994), *L'enfant dans l'adulte ou l'éternelle capacité de rêverie*, Lausanne: Delachaux ET Niestlé.
16. Cavalcanti G. H. (2012), *A herança de Apolo – Poesia Poeta Poema*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
17. Ferenczi S. (1918), *La psychologie du conte*, in: *Oeuvres Complètes*, Paris, Payot, 1970.
18. Ciccone A. (2007), *Naissance à lapensée et partage d'affects*, apresentado no Colóquio « Vinculos tempranos, clinica y desarrollo infantil », Montevideú, agosto de 2007.
19. Andrade C.D. (1984), *Corpo*, Rio de Janeiro: Record, 1984.

Correspondência

Celso Gutfreind

Rua Desembargador Moreno Loureiro Lima 445 ap. 202

90450-130 - Porto Alegre, RS.

celso.gut@terra.com.br

Submetido em: 06/12/2013

Aceito em: 13/01/2014